

IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da Educação [ST]

O CORPO DOS CONDENADOS: ENTRE A LÓGICA MEDICALIZANTE E O CONVÍVIO SOCIAL

SEPTIMIO, Carolline

Doutoranda em educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, carolpedagoga@yahoo.com.br

GOES DENARDI, Vanessa

Mestranda em educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, goes_vanessa@hotmail.com

Resumo

Neste ensaio teórico, valendo-nos do conceito ancorado em Foucault (2012) acerca da tecnologia política do corpo, aguçamos o debate acerca do corpo deficiente e a lógica medicalizante que baliza a contemporaneidade. Em meio a receituários contra todo e qualquer mal estar social, utilizamos a obra de Machado de Assis “O Alienista” para elucidar questões como desvio padrão, saber e poder, exclusão e enquadramento das deformidades do corpo. O personagem principal do conto machadiano, Simão Bacamarte, busca por meio de seus conhecimentos médicos detectar possíveis desvios de condutas sociais. Simão estabelece a tentativa, para si e aos demais, da conquista de corpos potencialmente constituídos de elementos capazes de garantir a plenitude da sociedade. Nosso interesse volta-se à ideia do debate em torno da segregação do indivíduo diante da diversidade humana e da tentativa sempre presente da medicalização dos corpos indolentes, desviantes, improdutivos, desajustados, estranhos.

Abstract

In this theoretical essay, using the concepts of Foucault (2012) about the technology policy of the body, we incite the discussion about the disabled body and the medical logic which regards the contemporaneity. In between prescriptions against any kind of civil unrest, we use the work of Machado de Assis “O Alienista” to unveil questions as the standard deviation, knowledge and power, exclusion and admittance of the body deformities. The main character of the Machado’s tale , Simão Bacamarte, pursue with his medical knowledge to find possible social conduct disorder. Simão set the intention, for himself and for others, to win bodies potentially made of elements capable of ensure the social plenitude. Our concern points the debate about the segregation of individuals and the human diversity and the tentative, which is always present, to medicate the indolents, improductives, maladjusteds, and weird bodies.

Palavras-chave: Medicalização; Corpo; Machado de Assis; tecnologia política do corpo; dimensão política.

Keywords: Medicalization; Body; Machado de Assis; technology policy of the body; politics dimension.

[COM0580]

1. Introdução

*Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho
Só a bailarina que não tem.*

(Chico Buarque e Edu Lobo, Ciranda da bailarina, 1983)

As tecnologias de melhoramento genético despertam uma importante questão: “será que deveríamos dedicar nossa proficiência tecnológica para curar doenças e ajudar as pessoas a recuperarem a saúde ou será que também deveríamos nos melhorar reconstruindo nossos corpos e nossas mentes?” (Sandel, 2013, pp. 28).

O homem-padrão, sadio física e psiquicamente, representa a tentativa de se estabelecer a fôrma e a forma ideal de ser humano (Septimio, 2014). O homem inserido num círculo e no quadrado, ao mesmo tempo, reflete a perfeição matemática do corpo humano na representação de Da Vinci para o escrito de Luca Pacioli “*De Divina Proportione*”, como elucidam Duarte e Cohen (2003, pp. 2), “seu corpo possui proporções estudadas desde a Grécia antiga e tomadas como medida-padrão para a própria dimensão arquitetônica”

A história nos mostra que a humanidade tem alinhado práticas com o objetivo de uma desejada padronização, seja nos espaços, modos de falar, pensar e fazer. Nesse processo, muitos têm sido alijados, pois não se enquadram nas tentativas de homogeneização de pessoas.

A decisão de investigar sobre os comportamentos desviantes, as condutas desaprovadas socialmente, tem a sua referência teórica na obra “Vigiar e Punir” do filósofo francês Michel Foucault (2012), o qual aborda a metamorfose do conceito de loucura no decorrer da história, bem como a ideia de poder punitivo àqueles que se comportam de modo desviante. Discutimos a supressão por meio da privação da liberdade, enquanto modo de exclusão e tentativa de recuperação médica, como ocorre aos moradores da cidade em que o médico Simão reside e atesta a necessidade de internação, no conto de Machado de Assis (1992).

2. Justificativa

*Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura
do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação.*

(Foucault, 2014, pp. 11)

No livro “Elogio da Loucura”, Erasmo de Rotterdam escreve que a vida só é possível por meio da loucura

e, no entanto, vo-lo garante a loucura em pessoa, alguém é tanto mais feliz quanto mais multiforme é a sua demência, desde que se mantenha dentro do gênero que me é peculiar: um gênero tão difundido que não sei se entre os homens se pode encontrar um só que seja sempre sábio e completamente imune a qualquer forma de demência. (Rotterdam, 2012, pp. 55).

A demência para Rotterdam (2012) não é motivo para recuperação, medicalização ou internação, mas sim elemento-chave para a manutenção da sociedade. O que para muitos é considerado sabedoria pode ser visto como a própria loucura a se manifestar nos comportamentos sociais.

A tentativa de normatizar os corpos deformados e o poder disciplinar que regula o “saber” do corpo e seu controle num jogo de instituições e aparelhos numa microfísica do poder (Foucault, 2012) é o que nos move nesta escrita de cunho científico- literário.

O estudo de “O Alienista”, em correlação com as desigualdades e exclusões, se insere nas pesquisas realizadas pelos grupos de pesquisa “Observatório de Práticas Escolares” e “Culturas escolares, História e Tempo Presente” nas atividades desenvolvidas pelas áreas de Educação, Comunicação e Tecnologia; e

História e Historiografia da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Este artigo visa cooperar para o aprofundamento do debate em torno da segregação do indivíduo, sua exclusão e enquadramento das deformidades humanas e da tentativa sempre presente da medicalização dos corpos indolentes e improdutivos.

Ao tratar da patologização das diferenças humanas e seus desdobramentos para a educação especial, Angelucci (2015) afirma que campo da saúde tem se sobreposto aos saberes da educação, sendo a formação em educação dispensada em lugar da paramédica. Assim, seguimos a lógica medicalizante e patologizante, acreditando que conhecendo as causas teremos a chave do sucesso e o domínio das diferentes “anormalidades”.

Ao analisar “O alienista”, a partir de suas diversas perspectivas, a loucura diagnosticada pelo personagem principal, Simão Bacamarte, tem um papel primordial e, por assim dizer, decisivo, ao formar um filtro cognoscitivo utilizado por ele na criação e organização de sua realidade. Dr. Bacamarte era um médico (re)conhecido nacional e internacionalmente e que, após um período de estudos em Portugal, retornou ao Brasil e fixou residência na cidade de Itaguaí onde casou-se com Dona Evarista, mulher que, segundo ele, “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes.” (Assis, 1992, pp. 9).

Dona Evarista estava apta, mas essa conclusão não partia de um qualquer e sim de uma autoridade médica, seu próprio marido. Durante todo o romance Dr. Bacamarte tem a batuta nas mãos, o poder produzido pelo seu saber científico segundo o qual tinha condições plenas de separar o que é comum e incomum, o normal e o desviante, o corpo condenado e o corpo absolvido.

Os excluídos não têm voz, pois suas palavras não têm poder. Dentre os procedimentos de exclusão está, para Foucault (2014, pp. 9), a interdição, o veto, a vedação, a qual pode ocorrer por tabu do objeto discutido, pelo ritual que as circunstâncias muitas vezes impõem ou pelo direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Sobre este último nos ancoramos para escrever sobre o Dr. Bacamarte. O psiquiatra possuía o aval acadêmico e reconhecimento social. Seu discurso tinha força pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 2014, pp. 9).

Na obra machadiana, fica evidente o esforço do Dr. Bacamarte para encontrar a normalidade e o perfeito equilíbrio mental nas pessoas que habitavam a cidade. Suas investidas, sem sucesso, acabam por frustrá-lo de tal maneira que se vê obrigado a internar-se, acusando-se de ser ele mesmo o desvio padrão, o corpo desregrado, o louco.

A partir da compreensão da produção de discursos pelo contexto e da produção de saberes ligados ao poder, partimos da compreensão de corpo político como o conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber (Foucault, 2012, pp. 31).

Portanto, ao investigarmos a personagem do livro, Dr. Bacamarte, observamos a tentativa de domínio desse corpo político por meio da internação de seus pacientes. Sabendo que os processos de subjetivação estão representados em nossas práticas cotidianas, que os saberes nos atravessam e nos constituem historicamente, a materialidade é representada também no discurso. É a partir dessa base conceitual que compreendemos a obra de Machado de Assis e que analisamos os saberes dos corpos condenados.

3. Referencial teórico

A diferença é esta: quem ao ver uma abóbora a toma por mulher, é chamado demente porque isso acontece com pouquíssima gente. Mas quem, tendo a mulher em comum com muitos, jura que ela é mais virtuosa que Penélope e, feliz com seu erro, orgulha-se de si mesmo, ninguém o chama demente, porque isso acontece com frequência e em toda parte.

(Rotterdam, 2012, pp 55.)

Para análise da supressão por meio da privação da liberdade, elencamos o livro “O Alienista” numa análise foucaultiana acerca da exclusão e enquadramento social de corpos condenados. No conto machadiano, o médico Simão Bacamarte atesta a diversos moradores da cidade em que reside a necessidade de internação pela disfunção que Bacamarte julga terem.

Como tinha verdadeiro amor pela ciência e acreditava que a saúde da alma era a ocupação mais digna de um médico, Simão Bacamarte dedicou-se ao tratamento de pessoas que tinham alguma demência. Pediu licença à Câmara Municipal para montar a Casa Verde, local onde internaria seus pacientes cobrando certa quantia das famílias que ali quisessem deixar seus entes “deficientes”.

O médico queria revolucionar o modo como os ditos loucos eram tratados, ou melhor, não tratados, pois ficavam presos em casa sem poder desfrutar do benefício da vida, sem esperança de melhora ou cura. Na Casa Verde, os pacientes poderiam ser controlados e úteis nas pesquisas do Dr. Bacamarte sobre os males da alma. O corpo, para Bacamarte, se faz duplamente necessário, tanto produtivo, para fins de pesquisa e investigação, quanto corpo submisso ao tratamento médico.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (Foucault, 2012, pp. 28)

Com a licença em mãos, o médico pôs-se a planejar o asilo que localizar-se-ia “na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes.” (Assis, 1992, pp. 11). A casa, que contava com uma frase do Alcorão na fachada, tinha suas janelas verdes, cor essa que deu nome à moradia e que nos causa certa estranheza, já que o tom nos remete à liberdade e esperança, sentimentos bastante contraditórios à função da casa de orates.

Inaugurada, a Casa Verde valeu-se da presença dos cidadãos da cidade e das povoações mais próximas durante sete dias de festas públicas, tendo como papel principal, segundo o Dr. Bacamarte, “estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal.” (Assis, 1992, pp. 12)

A Casa Verde reflete a estrutura necessária para abrigar os desajustados por meio de alternativas de recuperação e isolamento, numa lógica medicalizante e de cerceamento do convívio social. A construção da Casa remete-nos àquilo que Foucault denomina de materialidade do discurso. Para Foucault (2014) a produção do discurso não é abstrata mas cercada de materialidade, seja pelos modos de ser, pensar e fazer, pela fala, fotografia, arquitetura, entre outras formas de apropriação do poder.

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuídos por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2014, pp. 08-09)

A procura pelo espaço tornou-se intensa e foi necessária a construção de mais trinta e sete leitos em menos de quatro meses. Eram “loucos” de todas as partes e todos os males, desde os por amor até os que falavam sozinhos e faziam discursos acadêmicos rebuscados, do boiadeiro ao escrivão.

A presença da igreja, bastante considerável na época, era marcada pelo Padre Lopes, que visitava a casa com frequência tentando encontrar uma explicação divina para tais fenômenos com o consentimento do Dr. Bacamarte, que tinha temor do vigário. Os doentes eram classificados, inicialmente, em duas seções, os furiosos e os mansos, partindo, posteriormente, para as subseções, como os delírios e alucinações. Os pacientes eram diariamente acompanhados por Simão Bacamarte, em um estudo árduo e contínuo, pois analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. (Assis, 1992, pp. 14)

O médico passava dias e noites em função de descobrir a razão das enfermidades dos pacientes, doando-se inteiramente ao trabalho. Dona Evarista, muito triste pela falta do marido, começou a adoecer e a sentir-se a mais infeliz das mulheres. Para acalmá-la a alma, Dr. Bacamarte enviou-a para o Rio de Janeiro, cidade que a esposa sonhava em conhecer. Sem outras prioridades, o médico continuava suas pesquisas e passava horas nas ruas conversando com a população e observando suas falas, chegando, assim, a uma nova teoria, a de que “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.” (Assis, 1992, pp. 18)

Outro princípio pelo qual a sociedade opera a exclusão, como escreve Foucault (2014), além da interdição das palavras, é por meio da separação e da rejeição de pessoas. “Desde a Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros(...) não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um contrato”, entretanto, essa condição não lhe furta de “enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.” (Foucault, 2014, pp. 10-11).

Nosso personagem em questão, Simão Bacamarte, no gozo de suas faculdades mentais e sabedoria, começou a enxergar nos mais diversos cidadãos a loucura. Houve o Costa, que emprestara todo o dinheiro que havia recebido como herança e logo foi recolhido à Casa Verde, assim como sua prima que por ele foi interceder junto ao médico e também acabou isolada; Mateus, o albardeiro, que por contemplar demasiadamente a casa que construía também foi condenado.

Numa ilha, cercada de doentes para todos os lados, a Casa Verde mantinha-se cumprindo sua função de isolamento, de privação de liberdade tal qual uma prisão, de modo semelhante ao que explica Foucault (2012, pp. 18) “Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal como a prisão suprime a liberdade, ou uma multa tira os bens”. A exclusão, mesmo sem aprisionar o corpo, cerceia a vida uma vez que embute o desejo do isolamento, do controle do indivíduo, sua modificação e neutralização de suas características desviantes.

Essa tecnologia política do corpo inscreve-se socialmente, para Foucault, como a capacidade de controle obtida com ou sem violência, no entanto, permanentemente de ordem física

quer dizer que pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo” (Foucault, 2012, pp. 29).

A submissão aqui insere-se não apenas pela força, mas em razão de diversos instrumentos, como o conhecimento científico, o saber institucionalizado, o discurso subjetivado.

Nesse contexto, Dona Evarista retornou do Rio de Janeiro e foi vista como a esperança da cidade, já que seu marido estava a flagelar a população de Itaguaí. No jantar de recepção da ilustre dama, um rapaz muito

jovem, chamado Martim Brito, a fez milhares de elogios, causando espanto nos convidados, menos em Simão Bacamarte que pensou o garoto ter uma séria lesão cerebral digna de estudo. Passados três dias, o garoto foi recolhido à casa de orates. O terror acentuou-se. “*Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora.*” (Assis, 1992, pp. 26).

José Borges do Couto Leme, Chico das Cambraias, escrivão Fabrício, Gil Bernardes, Coelho, e tantos outros recolhidos à Casa Verde. A população da cidade, que já estava a nutrir imenso ódio pelo Dr. Bacamarte, resolveu rebelar-se e pedir junto à Câmara Municipal que colocasse um fim no asilo e nos feitos do psiquiatra. A rebelião ganhou dezenas de adeptos, ficando conhecida como a “Revolta dos Canjicas”. Houve duelo entre a força pública e os manifestantes, resultando onze mortos e vinte e cinco feridos. No final, os “Canjicas”, liderados pelo barbeiro Porfírio Neves, venceram a batalha e tiveram em seu líder o novo governo. A sua gestão durou poucos dias, pois após expedir decretos contra a Casa Verde e o Dr. Bacamarte e ser difamado por um conterrâneo, Porfírio caiu e João Pina, colega de Bacamarte, assumiu o cargo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. (Assis, 1992, pp. 38).

Simão Bacamarte já não via normalidade em mais ninguém, nem na própria esposa, que fora recolhida por sua indecisão entre uma joia e outra para compor o traje do baile da Câmara Municipal. Dia após dia mais pessoas eram “capturadas” e o Dr. Bacamarte ficava cada vez mais imbuído do espírito científico da cura.

Passados pouco mais de cinco meses de trabalho árduo, a Casa Verde encontrava-se vazia. Todos estavam curados, o que causou estranha comoção ao médico, pois viu-se aflito ao perceber que, talvez, todos os loucos e desorganizados que pela casa passaram eram normais, e ele, que possuía o perfeito equilíbrio mental e moral, e era agraciado pela sagacidade, paciência, perseverança e tolerância, reunia todas as qualidades de um acabado mentecapto.

Chegada a essa conclusão, Simão Bacamarte resolveu recolher-se à Casa Verde e, fechada a porta, “entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.” (Assis, 1992, pp. 48).

Aparelhos e instituições, dotados de uma microfísica do poder (Foucault, 2012, pp. 29), estabelecem seu campo de validade no qual são estabelecidos os próprios corpos com sua materialidade e força. Dessa forma, Dr. Bacamarte opera pela produção de seu próprio discurso, nas amarras do poder por ele produzido, condenado pelo corpo à reclusão social.

Entendendo o corpo numa dimensão política, buscamos uma abordagem das relações de poder que o marcam e o sujeitam à condenação ou absolvição, de um corpo que para Foucault só se torna útil se for ao mesmo tempo produtivo e submisso. É sobre esse saber do corpo e suas relações sempre tensas, sua materialidade e capacidade, seus interesses e contradições, um corpo político submisso às demandas sociais e ao fenômeno da medicalização que nos vigia, adverte e impõe, sobre esse híbrido dedicamos essa investigação teórica.

4. Objetivos

Nosso interesse volta-se à ideia do debate em torno da segregação do indivíduo diante da diversidade humana e da tentativa sempre presente da medicalização dos corpos indolentes, desviantes, improdutivos, desajustados, estranhos. Discutimos a supressão por meio da privação da liberdade, como ocorre aos diversos moradores da cidade em que o médico Simão reside e atesta a necessidade de internação, no conto “O Alienista”.

5. Metodologia

Esse ensaio científico-literário foi escrito tomando por base o conto de Machado de Assis (1992) “O Alienista”. Com base na obra, buscamos elucidar questões referentes à tecnologia política do corpo, a partir do conceito ancorado em Foucault (2012; 2014) e da materialidade do discurso por meio das relações de saber e poder que perpassam nosso entendimento.

Para tal análise, de cunho bibliográfico, esquadramos o conto machadiano também destacando os conceitos de exclusão, normalização e medicalização dos corpos para fins de enquadramento social.

Referências

Angelucci, Carla Biancha (2015). *A Patologização das diferenças humanas e seus desdobramentos para a educação especial*. Florianópolis: 37ª Reunião Nacional da ANPEd (Out. 2015).

Assis, Machado de (1992). *O alienista: texto integral*. 22. ed. São Paulo: Ática.

Duarte, C. R. de S.; Cohen, R. (2003). “O Ensino da Arquitetura Inclusiva como Ferramenta para Melhoria da Qualidade de Vida para Todos”. In: *Projetar 2003*. (Org.). *Projetar: Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto* (pp. 159-173). Rio de Janeiro: Virtual Científica.

Foucault, Michel (2014). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, Michel (2012). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.

Michaelis (2010). *Dicionário prático de língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos.

Sandel, M. J. (2013). *Contra a perfeição: Ética na era da engenharia genética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Septimio, C. (2014). *Acessibilidade física e inclusão no ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará*. Dissertação de mestrado. Belém.